Poder, vigilância e midiatização: o controle rizomático da Amazônia

Vinícius dos Santos Flôres
Viviane Borelli

Palavras-chave: midiatização; sociedade de controle; Amazônia.

RESUMO EXPANDIDO

A dinâmica social é permeada por relações de poder. Algumas são visíveis, pois dependem da exibição para se manifestarem, geralmente, de forma impositiva. Outras operam por mecanismos opacos, quase invisíveis, entremeadas em malhas discursivas e procedimentos que se tornam cotidianizados. Neste caso, se tratam de violências simbólicas consentidas, as quais atuam na ordem das microestruturas. Com base nessas duas dimensões de exercício de poder, Michel Foucault (2011) diferencia o que denomina de *sociedade de soberania* e *sociedade disciplinar*. Posteriormente, Gilles Deleuze (1992) propõe uma atualização aos modelos foucaultianos com a *sociedade de controle*.

Por esta angulação teórica, o poder é algo que se exerce. Na sociedade de soberania, o poder exercido pelo soberano tinha a repressão como método garantidor do poderio. Em última instância, a decisão pela continuação da vida dos corpos passava por um crivo centralizador. No século XVIII, Napoleão foi o responsável pela conversão para a sociedade disciplinar a partir da otimização do exército com estratégias militares e a outorga do Código Civil, que elevou a França de patamar (DELEUZE, 1992). O poder soberano permaneceu durante o século XIX inserido no campo do direito, mais especificamente na organização de códigos jurídicos (FOUCAULT, 2002).

Para ilustrar a sociedade disciplinar que vislumbrava, Foucault (2011) retoma como metáfora a figura arquitetural do panóptico de Jeremy Bentham (séc. XVII), torre centralizada entre uma construção circular de vários andares dividida em celas, as quais possuíam uma janela voltada para o lado interno e outra para o externo. A torre era forjada de tal forma que o preso não conseguia enxergar o vigia, o qual tinha condições de observar todos os indivíduos no presídio. O intuito da estrutura era "induzir no detento um estado consciente e permanente de visibilidade que assegura o funcionamento automático do poder" (FOUCAULT, 2011: 191).

O esquema do panóptico se difunde como função generalizada na sociedade disciplinar. Conforme Foucault (2011: 197), o objetivo estaria em "tornar mais fortes as forças sociais – aumentar a produção, desenvolver a economia, espalhar a instrução,

elevar o nível da moral pública; fazer crescer e multiplicar". Portanto, o panoptismo seria um intensificador de aparelhos de poder ao assegurar a economia, o funcionamento sistêmico, os mecanismos automatizados e a eficácia dos dispositivos. O modelo se espalharia por distintas instituições, cada qual detentora de regras próprias em suas dinâmicas. Nesse sentido, o sujeito estaria sempre enclausurado em sistemas panópticos - da família ao trabalho, da escola ao hospital, da prisão ao exército.

No início do século XX, a sociedade disciplinar atingiu seu apogeu e iniciou o seu declínio (não total desaparecimento), reconhecido pelo próprio Foucault (DELEUZE, 1992). Inspirado nos postulados foucaultianos, um terceiro conceito é proposto por Gilles Deleuze (1992) para responder as nuances do mundo após a II Guerra Mundial: a sociedade de controle[5]. Nesse modelo, o confinamento deixa de ser a técnica principal para dar lugar à vigilância ininterrupta e aos processos de comunicação instantânea. Nessa nova ambiência os regimes de controle jamais cessam. Para tanto, a lógica passa a ser rizomática, de todos para todos. A figura do panóptico se liberta dos muros enclausurantes da sociedade disciplinar para acometer todas instâncias sociais, o que significa que o controle hierarquizado precedente paulatinamente dá lugar aos mecanismos de vigilância descentrados e horizontais em constante modulação.

Historicamente, podemos traçar fronteiras entre os três modelos de sociedade por meio das máquinas. Esses períodos denotam as tecnologias predominantes em cada momento, sem querer delimitar rupturas peremptórias. Desse modo, na sociedade de soberania predominavam mecanismos simples, movidos por alavancas, roldanas e tração animal. Na sociedade disciplinar são introduzidos novos tipos tecnológicos, como máquinas energéticas – do carvão à energia elétrica. Já o diferencial da sociedade de controle estaria na cibernética e na profusão de dispositivos tecnológicos como os computadores. "É fácil fazer corresponder a cada sociedade certos tipos de máquina, não porque as máquinas sejam determinantes, mas porque elas exprimem as formas sociais capazes de lhes darem nascimento e utilizá-las" (DELEUZE, 1992: 223).

No sistema fabril da era disciplinar, com lógicas geograficamente concentradas, o patrão vigiava os indivíduos com base na verticalidade hierárquica do panóptico. Na passagem para sociedade de controle, a fábrica dá lugar à empresa, dispersa fisicamente. Com isso, a produção deixa de ser a propulsora do crescimento econômico para emergir a primazia da venda do produto, direcionando o capitalismo para o mercado. Da mesma

[5] A proposta foi inspirada no texto intitulado *The impasses of control*, de William S. Burroughs, de 1975.

forma o dinheiro também se modifica. Se na disciplina havia a regência de moedas cunhadas em ouro como medida padrão entre os países, o controle induz trocas flutuantes e movimentos monetários que impõem como cifra distintas fracções de moedas. O endividamento controlado dos indivíduos torna-se a principal fonte de alimentação do sistema econômico. Assim, a crise seria seu banquete. Nas palavras de Deleuze (1992: 224), "o homem não é mais o homem confinado, mas o homem endividado". Portanto, a moratória ilimitada dos indivíduos se torna o meio de exercício do poder na sociedade de controle, necessária para manutenção sistêmica.

Com esses fluxos, o panóptico se torna múltiplo. Os muros que outrora definiam fronteiras se tornam tênues, o que potencializa uma vigilância generalizada para além das instituições. Mesmo em ambientes sem clausura, como estradas que permitem a livre movimentação, é possível ser enquadrado por processos de controle (DELEUZE, 1999: 12) – sejam originados na ordem macroestrutural do capital, sejam incitados por outros indivíduos. Em paralelo com esse cenário, o processo de midiatização se intensifica com essa acelerada transformação social e técnica, com mútuas afetações de ordem não linear entre instituições, mídias e atores sociais (VERÓN, 1997) que emergem um novo cenário sócio-técnico-discursivo (FAUSTO NETO, 2010: 6). Como efeito decorrente, o atual estágio técnico desencadeia o encurtamento da complexa distância entre produção e reconhecimento, estabelecidos em zonas de pregnâncias (FAUSTO NETO, 2013).

Em outras palavras, os recentes dispositivos tecnológicos desmantelam com sua operacionalidade os filtros e portões das mídias unidirecionais. Este movimento possibilita a abordagem de modo aberto de temáticas fundamentais para a sociedade como as ambientais, como é o caso do *InfoAmazonia*[6], plataforma de banco de dados colaborativa sobre as problemáticas da floresta amazônica. Com quatro anos de criação, trata-se da única iniciativa que reúne dados, mapas e notícias atualizadas por uma rede de cidadãos, jornalistas e instituições sobre as ameaças ambientais nos nove países amazônicos. As materialidades do *InfoAmazonia* são oriundas de satélites, dados de domínio público e relatos da sociedade civil, ofertadas em análises visuais disponíveis para download e compartilhamento em português, inglês e espanhol.

Dessa forma, a presente proposta de trabalho parte do pressuposto de que a construção do banco de dados, estabelecida de forma descentralizada por distintos atores, se constitui como uma vigilância colaborativa sobre a Amazônia transnacional.

[6]Site: www.infoamazonia.org

Questiona-se, nesse sentido: como os mecanismos de poder da rizomática sociedade de controle passam a ser engendrados pela midiatização na vigilância colaborativa do *InfoAmazonia*? Quais lógicas, formatos operacionais e procedimentos midiáticos estão entremeados na rede discursiva do banco de dados? Quais são as origens discursivas e financeiras dessas vigilâncias sobre a floresta amazônica?

Para atender o objetivo do artigo, que é investigar os processos de midiatização engendrados por mecanismos de controle na vigilância colaborativa da floresta amazônica no *InfoAmazonia*, utilizou-se dos métodos exploratório e quantitativo com base documental, a qual foi realizada sobre publicações da plataforma de banco de dados no período de um ano – do início de abril 2015 ao término de março de 2016. Em paralelo, refletiu-se sobre a transição entre as sociedades de soberania, disciplinar (FOUCAULT, 2011) e de controle (DELEUZE, 1992), além de discutir a intensificação da rizomática vigilância no mundo contemporâneo, atravessada por processuais mecanismos sócio-técnico-discursivos (FAUSTO NETO, 2010).

Referências

DELEUZE, Gilles. **Conversações, 1972 - 1990**. Rio de Janeiro: Ed. 34, 1992. 232p. (Coleção TRANS) Tradução de Peter PálPelbart.

_____. **O ato de criação**. Folha de S.Paulo: 27 de jun. 1999

FAUSTO NETO, Antônio. A circulação além das bordas. In: FAUSTO NETO, Antonio; VALDETTARO, Sandra (Org.). **Mediatización, Sociedad y Sentido**: Diálogos entre Brasil y Argentina. Rosário: Departamento de Ciencias de la Comunicación - UNR, v. 1, 2010, p. 2-17.

_____. Como as linguagens afetam e são afetadas na circulação? In: GOMES, Pedro Gilberto; BRAGA, José Luiz; FERREIRA, Jairo; _____ (Org.). **Dez perguntas para a produção de conhecimento em comunicação.** São Leopoldo: Unisinos, 2013.

FOUCAULT, Michel. Em Defesa da Sociedade – Curso no Collège de France (1975-1976). Rio de Janeiro: Martins Fontes, 2002.

_____. **Vigiar e punir**: nascimento da prisão. 39. Ed. Petrópolis, RJ: Vozes, 2011. Tradução de Raquel Ramalhete.

VERÓN, Eliseo. Esquema para el analisis de la mediatización. **Revista Diálogos de La Comunicación**, n. 48, Lima: Felafacs, 1997.